

Foto Falada

Gil Sibin — 7 de dezembro de 2013 — revisto e ampliado em 2026

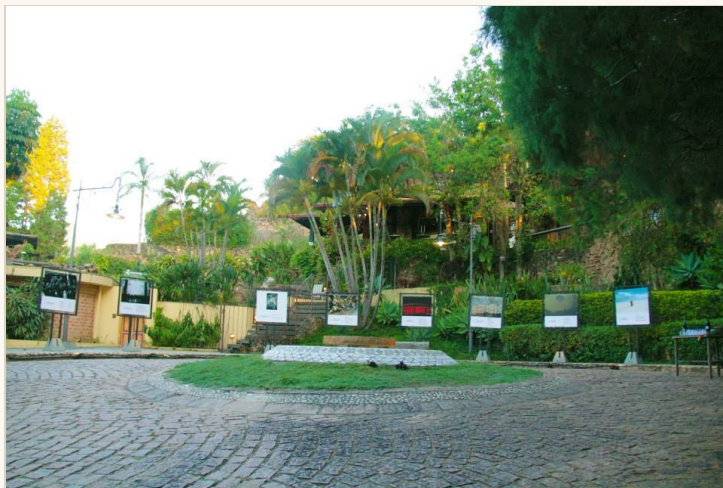


Foto Falada — Instituto Gloc, Águas da Prata (SP), 2013

A palavra escava o que a imagem cala. A imagem excede o que a palavra apenas sugere. Não é ilustração — é atrito. E é desse atrito, não da soma das duas linguagens, que nasce um terceiro sentido, que não pertence inteiramente a nenhuma delas.

Volto a essa ideia sempre que penso no autorretrato, campo onde esse atrito fica mais exposto. Fotografar-se não é fixar uma imagem de si. É constatar que toda imagem de si já chega dividida — e que a câmera não resolve essa divisão. Ela revela.

Os regimes de tempo também não colaboram um com o outro, colidem. A leitura avança linha por linha, simulando o próprio movimento da vida. A fotografia faz o inverso: interrompe um milésimo de segundo e o transforma em vestígio, rastro do que já passou. Depois vem a escrita, tentando recompor o que o clique interrompeu — sem nunca conseguir por inteiro. E é justamente nessa falha, no espaço que a palavra não alcança e a foto não mostra, que a obra continua respirando.

Vi essa dinâmica funcionar coletivamente uma vez, em Águas da Prata. Em 2011, o fotógrafo Suelton Lima e o historiador e escritor Thiago Lima idealizaram o projeto "Foto Falada", reunindo fotógrafos e escritores num mesmo processo: uns fotografavam, outros escreviam a partir das fotografias — e às vezes o caminho se invertia. A mostra, montada na Galeria da Fonte do GLOC, também convidava o público a intervir: qualquer visitante podia escrever sobre uma imagem ou desenhar a partir de um texto, ampliando o conjunto original.

O que essas dez fotografias tinham em comum não era o tema, mas a recusa em fechar sentido sozinhas. Ao incorporar palavra a uma imagem, o projeto tirava da fotografia a obrigação de representar sozinha um rosto, uma cena, um acontecimento. A imagem deixava de precisar dizer tudo. E o texto, por sua vez, deixava de precisar descrever o que já estava visível — cada linguagem cedia à outra exatamente aquilo que não sabia fazer.

Talvez seja esse o ponto mais importante: as duas linguagens não se misturam numa terceira coisa homogênea. Mantêm suas identidades separadas dentro da mesma página, do mesmo painel, da mesma parede de galeria. Uma amplia o poder da outra justamente por se recusar a preenchê-la. A palavra não explica a imagem; a imagem não ilustra o texto. É a lacuna entre as duas — o mistério que nenhuma resolve sozinha — que obriga quem lê e quem vê a ir mais longe.